

---

## O jornalismo com perspectiva de gênero nas reportagens investigativas do Portal Catarinas: análise de elementos de informação<sup>1</sup>

Ana Luiza Bertelli DIMBARRE<sup>2</sup>

Jaqueline Andriolli SILVA<sup>3</sup>

Karina Janz WOITOWICZ<sup>4</sup>

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR

### RESUMO

O presente trabalho busca apresentar os resultados obtidos através do estudo de aspectos da produção jornalística e de elementos presentes nas reportagens investigativas do Portal Catarinas, tais como fontes e imagens, em matérias publicadas durante os anos de 2020 e 2022. Os critérios estabelecidos para a seleção partem das produções que apresentam teor investigativo e profundidade no tratamento das informações e que enfatizam a temática da violência de gênero. As matérias, em sua maioria, relatam denúncias envolvendo violência contra a mulher, uma vez que o período de isolamento social foi um momento significativo para muitas mulheres.

**PALAVRAS-CHAVE:** Portal Catarinas; violência de gênero; feminismo; jornalismo investigativo; jornalismo com perspectiva de gênero.

### INTRODUÇÃO

O estudo, que surge com a intenção de identificar quais são os principais elementos que o Portal Catarinas<sup>5</sup> utiliza em suas matérias, busca discutir características de um jornalismo feminista e voltado à perspectiva de gênero. Tal identificação pode ser entendida como uma prática profissional que busca assegurar um tratamento igualitário em termos de representação de homens e mulheres nos conteúdos jornalísticos (GARFIAS, LIRA, MERINO, HARBOE, 2010) e visibilizar a defesa de direitos das mulheres (WOITOWICZ, 2019).

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XIX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup>Graduanda em Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Bolsista de iniciação científica PIBIC/Fundação Araucária. Email: [aluludim@gmail.com](mailto:aluludim@gmail.com)

<sup>3</sup>Coorientadora do trabalho. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa e bolsista pela Capes. Email: [jaqueandrioli@gmail.com](mailto:jaqueandrioli@gmail.com)

<sup>4</sup>Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Jornalismo e Mestrado em Jornalismo da UEPG. Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq. Email: [karinajw@gmail.com](mailto:karinajw@gmail.com)

<sup>5</sup> Portal Catarinas. Disponível em: <<https://catarinas.info/>>. Acesso em 10 de julho de 2023.

---

O artigo seleciona as reportagens de maior impacto publicadas entre os anos de 2020 a 2022, que conjugam o jornalismo investigativo e o jornalismo com perspectiva de gênero. Entre as produções selecionadas, destacam-se aquelas que abordaram o tema da violência, tratado sob diferentes perspectivas no jornalismo feminista do Portal Catarinas. O estudo enfoca as fontes utilizadas e o processo de apuração das reportagens, com vistas a identificar aspectos da prática jornalística utilizada pelo veículo.

### **O Portal Catarinas e o jornalismo de gênero**

Criado em julho de 2016, na cidade de Florianópolis em Santa Catarina (SC), o Portal Catarinas é o primeiro veículo jornalístico do país especializado em gênero (COSTA, 2018). A iniciativa para a criação do jornal partiu das jornalistas Paula Guimarães e Clarissa Peixoto, e da cientista social, Kelly Vieira, as quais já apresentavam ligações com os movimentos feministas, antes mesmo do portal ser criado. Foi no movimento da primavera feminista, em 2015, que as três perceberam o interesse coletivo em criar uma plataforma relacionada a gênero, em que pudessem trazer manifestações e assuntos que estivessem interligados às mulheres (PORTAL CATARINAS).

Para que o portal pudesse ser subsidiado, e houvesse de fato o lançamento da primeira reportagem produzida pelo Catarinas, em 08 de março de 2016, no Dia Internacional da Mulher, foi lançada uma campanha de financiamento coletivo por meio de plataformas na web (PORTAL CATARINAS). No dia 21 de abril do mesmo ano, a meta inicial da campanha foi alcançada, contando com apoio de cerca de 160 pessoas que compraram a ideia do portal (COSTA, 2018). Quase três meses depois, em 28 de julho, o Portal Catarinas foi lançado na noite cultural da Fundação Cultural Badesc, em SC, em um evento que contou com mais de 300 pessoas.

A partir disso, era necessário dar continuidade às produções e materializar, de fato, o veículo no meio jornalístico. Sendo assim, foi criado um núcleo executivo e outras mulheres foram convidadas para fazerem parte dessa empreitada, através da criação de um Conselho Editorial que desse suporte à produção e divulgação do conteúdo (COSTA, 2018). Em 2018, Paula Guimarães assume a coordenação do veículo

---

e outras jornalistas entram na redação. Dessa forma, o Catarinas começa a alavancar as suas produções e passa a ganhar mais visibilidade no cenário nacional.

Como se referenciam através do slogan presente no site, o Catarinas é um “Jornalismo Independente, Feminista e Antirracista”, e sua linha editorial dialoga com diversas frentes teóricas do feminismo, mediando suas perspectivas diante da realidade. Trata-se do primeiro portal de notícias do Brasil voltado à abordagem de gênero, feminismo e direitos humanos (COSTA, 2018).

Entre o período de criação do veículo (2016) e até a primeira reformulação geral do portal (2018), a proposta do que era o Catarinas foi pensada diversas vezes, pois naquela época as jornalistas já não se sentiam mais representadas com a forma em que pensavam dois anos antes. “A questão está relacionada a tratar a perspectiva de gênero como uma especialidade do jornalismo e em oposição ao chamado jornalismo feminino, uma forma de especialização jornalística principalmente no segmento de revistas e historicamente voltado para o público de mulheres” (COSTA, 2018, p.132).

Tal reformulação explica a superação da pauta e a forma de trabalho com as fontes que o portal propõe, uma vez que o jornalismo que o Catarinas realiza não está limitado a cobrir apenas pautas do movimento feminista, mas também as questões que sempre foram invisibilizadas e em geral não estão presentes na mídia hegemônica (COSTA, 2018).

A perspectiva realmente ultrapassa a escolha das fontes, não apenas colocando as mulheres para falar sobre temas que não são costumeiramente atribuídos a elas, mas apostando que a valorização da voz de mulheres anônimas, sobre qualquer temática, também atua no sentido de trabalhar com o protagonismo das mulheres e na capacidade que elas têm de significar e interpretar as situações em que estão inseridas, trazendo a visibilidade de pontos de vista ocultados cotidianamente pela grande mídia (COSTA, 2018, p.137).

Essa busca do “olhar feminino” pelas jornalistas e pelo próprio portal faz com que o Catarinas ganhe destaque pela abordagem minuciosa que busca apresentar, fugindo da mídia tradicional e masculinizada. Uma vez que o portal oferece a possibilidade de ser um espaço de narrativas construídas por mulheres, que foram historicamente minoria no registro da história e da atualidade (COSTA, 2018).

A feminização da sociedade sugere a presença de corpos e características femininas em determinadas áreas, na qual se encontra o jornalismo.

---

A noção de feminização está associada a diversas representações sociais. Ela pode ser analisada como uma “subversão” (Zaidman, 1986), um desregramento do sistema social quando, por exemplo, mulheres entram em pequeno número nas concentrações masculinas assimiladas a sectores de poder. Ela pode ser, ao contrário, interpretada como uma vitória das mulheres em sua luta pelo acesso à igualdade – em direitos e em número –, no caso de uma entrada massiva das mulheres num grupo profissional. Em outros casos ainda, o processo de feminização pode ser analisado em relação à desvalorização de um exercício profissional e a uma perda de prestígio. (HIRATA, 2009, p. 163 apud PASCOAL, 2020, p.44).

Ao realizarem reportagens investigativas, as jornalistas por vezes são identificadas com outros tipos de reportagens, sejam elas literárias ou de imersão. Pois, ao proporem noticiar a dureza cotidiana com um olhar cuidadoso, o qual as mulheres apresentam no dia a dia da apuração, as repórteres acabam lidando com problemas de ordem prática e simbólica (PASCOAL, 2020).

Ainda segundo Pascoal (2020), há uma grande diferença entre certas narrativas investigativas produzidas por homens e mulheres. Para a autora, esse cuidado apurado que as jornalistas femininas apresentam se deve pelas dificuldades que as mesmas passam em suas jornadas, fato que faz com que “o tom de matérias em profundidade e investigativas é perpassado por outras camadas de interpretação” (PASCOAL, 2020, p.46). Ao pensarmos na função do jornalista e da imprensa, refletimos não apenas sobre o que é falado, mas sim de que forma a informação chega ao público.

A questão de gênero no jornalismo investigativo implica ainda mais nas atividades, pois as mesmas demandam tempo maior, e a confrontação exaustiva de documentos e fontes, bem como abordar pautas delicadas e que inúmeras vezes requerem envolvimento com a polícia, política e órgãos do governo (SANTOS; TEMER, 2018).

Com isso, o olhar apurado, a alteridade, o repórter que se desloca da sua rotina para enxergar a fonte em sua totalidade, da sua persona para ver o outro em sua totalidade, são características que ressignificam o jornalismo informativo (PASCOAL, 2020). “Aqui percebemos um certo padrão na imprensa, especificamente nas grandes reportagens investigativas de longa duração, que a jornalista mulher aprofunda sua visão tendo como base a totalidade da situação, preferindo o relativo ao definitivo, o comovido ao neutro” (PASCOAL, 2020, p.46). Todos os apontamentos perpassam as características que o Catarina busca oferecer ao público leitor, através das formas de

---

apuração e das amplas coberturas jornalísticas que realizam, com o olhar para a mulher à sua frente e a busca por acolhê-la e escutar a sua história.

### **Metodologia**

Para o presente trabalho, dividiu-se as etapas metodológicas em duas partes: pesquisa bibliográfica e levantamento de dados. A pesquisa bibliográfica baseou-se em Ida Regina Stump (2006), visto ser o movimento de coleta que ajuda o(a) pesquisador(a) durante todo o processo de produção do seu estudo. "À medida que o indivíduo vai lendo sobre o assunto de seu interesse, começa a identificar conceitos que se relacionam até chegar uma formulação objetiva e clara do problema que irá investigar" (STUMP, 2006, p.53).

Dessa forma, alguns materiais foram selecionados. O primeiro deles é a dissertação do programa de pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) intitulada "Jornalismo Feminista: Estudo de caso sobre a construção da perspectiva de gênero no jornalismo" da autora Jessica Gustafon Costa (2018). Esse material age como o principal norteador deste estudo, uma vez que a pesquisa realizada por Costa (2018) conta toda a trajetória do Catarinas e realiza entrevistas com jornalistas que atuam no portal. O segundo material é o texto "Mulheres no Jornalismo", em que Santos e Temer (2018) apresentam uma reflexão do ser mulher dentro das redações jornalísticas no país e qual é o espaço para o jornalismo investigativo com abordagem de gênero.

Em conjunto a esses textos, há os artigos "'Ideologia de gênero' como instrumento político nos jornais do Brasil e Portugal" (SOUZA; CERQUEIRA; SOUZA; EDUARDO, 2022), "Femicídio e Feminicídio: discutindo e ampliando os conceitos" (CACEIDO-ROA; BANDEIRA; CORDEIRO, 2022) e "A feminização do jornalismo sob a ótica das desigualdades de gênero" (LELO, 2019) os quais foram publicados na *Revista Estudos Feministas* (REF). Ambos os artigos contribuíram para uma melhor visualização do cenário em que as mulheres se encontram hoje na sociedade, permitindo realizar a reflexão da forma como a mídia pauta tais temáticas.

Partindo para uma abordagem mais 'técnica' do jornalismo, o livro "Fontes de Notícias: ações e estratégias das fontes do Jornalismo" (SCHMITZ, 2011) contribuiu para a estruturação e divisão das fontes encontradas ao longo dos levantamentos

---

realizados. E por fim, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco, intitulado “Jornalismo Investigativo e Gênero: uma análise sobre a presença feminina nas redações a partir de entrevistas jornalísticas” (PASCOAL, 2020) trouxe um panorama maior, em conjunto com o texto de Santos e Temer (2018), do modo de se fazer jornalismo investigativo com foco aos direitos das mulheres.

Após essa primeira etapa metodológica e toda a base teórica consolidada para o estudo, partiu-se para os levantamentos de dados sobre o portal. Para isso, matérias que foram publicadas entre os anos de 2020 e 2022 foram selecionadas a fim de compor o quadro de dados da pesquisa. Considerou-se necessário fazer esse recorte de tempo, a fim de observar com maior profundidade algumas reportagens produzidas durante a pandemia da Covid-19, uma vez que o período de isolamento social foi um momento que impactou a vida das mulheres de várias formas.

Segundo uma matéria publicada pelo próprio Portal Catarinas<sup>6</sup> em 2021, somente entre março e abril de 2020 os casos de feminicídio no país cresceram 22,2% com relação ao ano anterior, conforme apontam os dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). Desse modo, durante a seleção das reportagens, houve um olhar mais atencioso para aquelas matérias que demandaram de uma apuração maior, se caracterizando como produções investigativas e que relatam denúncias envolvendo violência contra a mulher.

Ao adentrar no site, a primeira pesquisa realizada foi na aba “mais lidas”, porém, as matérias que ali foram encontradas não se encaixavam com os requisitos pontuados para tal seleção (DIMBARRE; SILVA; WOITOWICZ, p.2). Nesse tópico, os textos que estavam presentes partiam para materiais que haviam sido publicados de maneira mais recente pelo veículo e aqueles que mais tinham acesso, mas que não necessariamente apresentavam de certa forma um trabalho mais extenso por parte das jornalistas. Assim, partiu-se para o levantamento das buscas nas abas “especiais” e “temas”, onde a última divide-se em vários subtópicos, como feminismo, política, América Latina, violências, movimentos sociais, cultura, educação, entre outros. Em todas essas pesquisas por meio

---

<sup>6</sup>Disponível

<<https://catarinas.info/da-violencia-domestica-a-fome-as-mulheres-sao-as-mais-atingidas-pelos-efeitos-da-pandemia/>>

em:

---

das diferentes abas e subtópicos, voltou-se ao início do ano de 2020 e seguiu-se com o levantamento realizado até dezembro de 2022.

Com as matérias selecionadas, houve a necessidade de armazená-las em um sistema de dados, a fim de que facilitasse a disposição e o acesso às mesmas, sem que necessariamente tivesse que voltar ao site toda vez para estudá-las. Em uma tabela do excel, os títulos e os links das reportagens foram dispostos em fileiras, os quais se relacionam com as colunas, em que estão indicados a data da veiculação, a autoria de cada reportagem, a indicação se a equipe contou com parceria de demais veículos independentes e as principais palavras-chave utilizadas (DIMBARRE; SILVA; WOITOWICZ, 2023). Posteriormente a essa organização, matérias que apresentam a continuação do assunto em outras reportagens foram agrupadas por cores diferentes, contribuindo para identificações mais rápidas sobre o assunto.

A partir desse levantamento inicial, chegou-se ao total de 12 pautas produzidas pelo Portal Catarinas que apresentam teor investigativo. Dessas 12, seis geraram desdobramentos do assunto, a partir da matéria principal, totalizando 29 textos publicados no período de dois anos (DIMBARRE; SILVA; WOITOWICZ, 2023). A primeira etapa do estudo buscou identificar as principais temáticas encontradas através do levantamento dessas matérias, observando as palavras-chaves utilizadas e as tags que acompanhavam os textos. Tendo em vista que a temática sobre violência foi a que mais ganhou destaque ao longo dos dois anos de produção do Catarinas, em um segundo momento, o trabalho passou a observar essas reportagens de maneira mais atenciosa, a fim de compreender o processo de estruturação que o portal trabalha em seus textos.

Sendo assim, voltou-se aos 12 textos, que compreendem 12 pautas diferentes, e todos eles foram lidos novamente, mas dessa vez com um enfoque maior nas fontes, na forma pela qual elas são expostas e os tipos de imagens utilizadas. Ao reler os materiais, foram selecionados para a análise mais detalhada apenas 10 deles, uma vez que os outros dois textos englobam séries de reportagens feitas pelo Catarinas, em conjunto com demais jornais alternativos, que utilizam de dados fornecidos pelos órgãos públicos, e que não necessariamente trazem a presença de fontes femininas, para além dos arquivos.

Dessa forma, ao identificar os elementos, todos foram adicionados na tabela do excel, montada no início da pesquisa. Portanto, a sistematização no banco de dados

---

consistiu em outras três colunas, relacionando-as com as demais, intituladas de ‘quantidades de fontes utilizadas’, ‘quem são essas fontes?’ e ‘imagens/ilustrações usadas’.

### **Jornalismo com perspectiva de gênero**

De modo geral, com o levantamento dos textos, nota-se o enfoque dado ao portal para as matérias investigativas no que diz respeito à violência. Violência obstétrica, violência doméstica, violência contra mulheres, violência sexual e violência racial são as principais palavras-chaves utilizadas nos materiais encontrados (DIMBARRE; SILVA; WOITOWICZ, 2023). Para Caicedo-Roa (2022), o fato de o veículo dar grande enfoque para pautas que perpassam essas violações é explicado por diferentes formas de violência causarem crimes e atingirem grupos específicos de mulheres e meninas.

Com relação às estruturas do texto, percebe-se, também, a preocupação do portal em detalhar as situações ocorridas, a partir da quantidade de fontes trazidas nas reportagens por meio da equipe produtora do veículo. Segundo Schmitz (2011, p. 09), “fontes de notícias são pessoas, organizações, grupos sociais ou referências; envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos; que agem de forma proativa, ativa, passiva ou reativa; sendo confiáveis, fidedignas ou duvidosas”. Quanto maior a quantidade de fontes que um texto apresenta, maiores discussões o material pode render.

Ainda de acordo com o autor, o saber do jornalismo também é construído pela fonte, embora não se preste a devida atenção à sua relação com a mídia. Dessa forma, as notícias resultam de processos complexos de interação, mas ao mesmo tempo há limites na produção, fato que faz com que cada vez mais as fontes queiram contribuir oferecendo conteúdos e vivências como pautas (SCHMITZ, 2011).

No trabalho, utiliza-se de dois grupos para classificação das fontes, os quais são divididos em outros dois subgrupos cada um. O primeiro grupo é chamado de fontes sujeitos, que são aquelas pessoas que de fato foram entrevistadas pela equipe de produção do veículo. Dentro das fontes sujeitos, encontramos aquilo que Schmitz (2011) classifica como fontes testemunhais e fontes especializadas. As testemunhais funcionam como o álibi para a imprensa, “pois representa aquilo que viu ou ouviu, como partícipe ou observadora. Desempenha o papel de “portadora da verdade”, desde que relate exatamente o ocorrido (SCHMITZ, 2011, p.26). Já as especializadas,

normalmente são aquelas que estão relacionadas a uma profissão ou área de atuação, e têm a capacidade de analisar, argumentar e dissertar sobre as consequências de determinadas ações ou acontecimentos (SCHMITZ, 2011).

Já o segundo grupo leva como nome fonte referências, que para Schmitz (2011, p. 27), “aplica-se à bibliografia, documento ou mídia que o jornalista consulta. Trata-se de um referencial que fundamenta os conteúdos jornalísticos e recheia a narrativa, agregando razões e ideias”. Além disso, as fontes referências também apresentam o conteúdo da web como instrumentos que acompanham as pautas, variando entre vídeos, prints de redes sociais, publicações na internet, entre outros. Para as classificações feitas no trabalho, dentro do grupo das referências há justamente a divisão entre esses dois tópicos: as fontes documentais e as fontes da web.

Ao longo das 10 matérias analisadas de maneira mais aprofundada para o estudo, o Catarinas traz, de modo geral, cerca de 40 fontes de sujeitos, somando todas as produções. Conforme aponta na tabela abaixo, em conjunto a essas entrevistas, há em média 31 fontes de referência, com predominância de modo maior para os acervos documentais.

<b>Total de fontes utilizadas pelo Portal Catarinas ao longo das 10 reportagens</b>		
	<b>Testemunhal</b>	<b>Especializada</b>
	13	27
<b>Fontes sujeitos</b>		
	<b>Documental</b>	<b>Web</b> (vídeos, prints, publicações em redes sociais)
	25	6
<b>Fontes de referências</b>		

Fonte: Da autora. 2023.

---

De forma individual, por texto, há em média cinco fontes sujeitos, as quais variam entre uma a três fontes testemunhais, e de duas a quatro fontes especializadas, conforme exige cada matéria. Já com relação às fontes documentais, na maioria dos casos há cerca de 2 acervos por reportagem, e em média, um conteúdo retirado da internet.

Um exemplo de pauta que corresponde às formas das fontes serem apresentadas no texto é: *Jovem preta é afastada de bebê após nascimento em maternidade em Florianópolis*<sup>7</sup>, publicada no dia 30 de julho de 2021. A matéria conta a história de uma jovem negra, de 21 anos, que após dar à luz a sua filha, teve a criança retirada dos seus braços e foi vítima de racismo pelo hospital em que estava internada e pelo Conselho Tutelar. A pauta, que posteriormente rendeu outras três matérias em continuação ao assunto, apresentou no seu texto principal cinco fontes físicas, sendo a vítima da situação, uma advogada, uma fonte anônima do Conselho Tutelar, a defensora titular do Núcleo de Proteção e Defesa dos Direitos Humanos da Mulher de Santa Catarina e uma professora e intelectual no assunto. Além disso, contou com duas fontes documentais, como o próprio Conselho Tutelar e uma nota do Hospital Universitário Professor Polydoro Ernando da UFSC, e ainda, com um vídeo da vítima, que foi veiculado nas redes sociais, a qual pedia ajuda e justiça para ter sua filha de volta e uma arte gráfica que circulou na web.

Outro exemplo individual que pode ser citado é a matéria *Suportaria ficar mais um pouquinho? Vídeo: em audiência, juíza de SC induz menina de 11 anos grávida após estupro a desistir do aborto legal*<sup>8</sup>, publicada em 26 de junho de 2022 pelo Catarinas, em parceria com o The Intercept Brasil. Devido à grande repercussão que o caso trouxe, a reportagem produzida por ambos os veículos contou com uma elaboração bem extensa. Ao total, são cerca de seis arquivos documentais utilizados no texto, dois arquivos da web e nove fontes sujeitos, como dois psicólogos, o ex-subprocurador da República, a mãe da vítima, o Juiz de Florianópolis, a vice-presidente nacional do Instituto Brasileiro de Direito da Família, a Co-ordenadora do Comitê

---

<sup>7</sup>Disponível em:

<<https://catarinas.info/jovem-preta-e-afastada-de-bebe-apos-nascimento-em-maternidade-de-florianopolis/>> Acesso em julho de 2023.

<sup>8</sup>Disponível em:<<https://www.intercept.com.br/2022/06/20/video-juiza-sc-menina-11-anos-estupro-aborto/>> Acesso em julho de 2023.

---

Latino-Americano e do Caribe, o Juiz titular da 1ª Vara do Júri de Campinas e o médico responsável pelo aborto legal.

Com relação às imagens, percebe-se também o cuidado que o Catarinas apresenta para não expor nenhuma mulher em situação de vulnerabilidade e não gerar mais circulação de maneira negativa sobre o caso. Ainda sobre a pauta da criança de 11 anos que foi estuprada e teve o aborto legal negado, a alternativa encontrada para não expor a criança foi apresentar uma ilustração de um urso de pelúcia rasgado com alguns machucados, com um fundo cor-de-rosa em tom pastel, literalmente mostrando que a infância daquela menina havia sido violada. Em complemento, outras imagens utilizadas só mostravam a juíza Joana Ribeiro Zimmer e a promotora do caso, Mirela Dutra Alberton, as quais interferiram no direito ao aborto da criança.

Para Mano (2017), existem dois pontos que interferem na cobertura das mulheres pela mídia tradicional, sendo o uso da imagem e a hierarquia dada dentro do texto fatores que levam, em muitos casos, à desvalorização da fonte. Esses fatos são contornados pelo Catarinas, ao demarcarem que o jornalismo com perspectiva de gênero ultrapassa a fonte, a pauta e a ideia de especialidade, tomando todos os cuidados necessários para que não haja nenhuma exposição da vítima (COSTA, 2018). Tais ações tomadas pelo veículo foram construídas com o tempo, com base na experiência que a equipe de produção do jornal já obtinha através dos movimentos de mulheres e com a ideia de jornalismo com perspectiva de gênero que queriam transmitir (COSTA, 2018).

### **Considerações finais**

Para Pascoal (2020), as mulheres que fazem jornalismo investigativo destacam-se por demonstrarem menos pudor em se colocar nas narrativas, assumindo o ser jornalista em todos os aspectos da reportagem. Ainda por cima, um jornalismo feito por mulheres é um exercício de presença, em que as suas consequências são a formação de uma sociedade mais justa, plural e democrática (PASCOAL, 2020).

Tais apontamentos são reforçados através do trabalho que o Portal Catarinas desempenhou ao longo dos anos de 2020 a 2022, período analisado pela pesquisa. O cuidado minucioso em não expor as suas fontes e oferecer um acompanhamento a elas, trazendo atualizações dos casos conforme as pautas iam se desdobrando e optando por

---

trazer diversos especialistas para comentar sobre cada temática, mostra a atenção que as jornalistas buscaram apresentar com cada uma das mulheres.

Diante disso, “as jornalistas demonstram atuar a partir do entendimento de que a generificação das relações sociais se reflete em experiências diferentes na vida das mulheres, demandando enquadramentos diferenciais nas pautas tratadas” (COSTA, 2018, p.196). Através dos textos e da pluralidade de fontes, que na maioria dos casos são mulheres, é nítido para a equipe do Catarinas que a produção jornalística é permeada por um outro olhar, e que neste caso diz respeito à ruptura com a percepção masculinizada.

Dessa forma, segundo Costa (2018, p.196), o viés feminista, expresso pelo portal, é o fator decisivo para a prática, ao perceber as desigualdades de gênero existentes na sociedade e o posicionamento na busca por formas de superá-las. Assim, o portal consegue dar mais visibilidade às vozes que essas mulheres já apresentam em suas lutas, mas que lhes faltam muitas vezes espaços para discutirem e buscarem pelos seus direitos.

---

## REFERÊNCIAS

CAICEDO-ROA, Mônica; BANDEIRA, Lourdes; CORDEIRO, Ricardo. “Femicídio e Feminicídio: discutindo e ampliando os conceitos”. **Revista Estudos Feminista**, Florianópolis, v. 30, n. 3, 2022.

COSTA, Jessica Gustafsson. **Jornalismo Feminista: Estudo de caso sobre a construção da perspectiva de gênero no jornalismo. Dissertação de mestrado.** Programa de Pós-graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2018.

DIMBARRE, Ana Luiza Bertelli. SILVA, Jaqueline Andrioli. WOITOWICZ, Karina Janz. **A violência de gênero no Portal Catarinas: marcas da cobertura jornalística alternativa e feminista.** 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul. 2023.

GARFIAS, Gloria Alberti. LIRA, Claudia Lagos. MERINO, María Teresa Maluenda. HARBOE, Victoria Uranga. **Por un periodismo no sexista: Pautas para comunicar desde una perspectiva de género en Chile.** Santiago: OREALC/UNESCO Santiago, Cátedra UNESCO-UDP “Medios de comunicación y participación ciudadana”; Programa de Libertad de Expresión de la Universidad de Chile; Colegio de Periodistas de Chile, 2010.

LELO, Thales Vilela. “A feminização do jornalismo sob a ótica das desigualdades de gênero”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 2, 2019.

MANO, Maíra Kubik T.. **De um jornalismo sexista a um jornalismo com perspectiva de gênero.** Lutas sociais, São Paulo, v. 21, n. 39, p. 9-20, 2017.

PASCOAL, Victória Beatriz da Piedade. **Jornalismo investigativo e gênero: Uma análise sobre a presença feminina nas redações a partir de entrevista com mulheres jornalistas.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2020.

SANTOS, Marli dos; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. **Mulheres no Jornalismo - Práticas Profissionais e Emancipação Social.** São Paulo: Ed Cásper Líbero, 2018.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícia: Ações e estratégias das fontes do jornalismo.** Florianópolis, Combook, 2011.

SOUZA, Juliana Inez Luiz de; CERQUEIRA, Carla Preciosa Braga; SOUZA, Nelson Rosário de; EDUARDO, Maria Cecília. “‘Ideologia de gênero’ como instrumento político nos jornais do Brasil e de Portugal”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 30, n. 3, 2022.

WOITOWICZ, Karina Janz. **Periodismo alternativo y militancia feminista: experiencias de portales digitales con enfoque de género em Ecuador.** Quito: CIESPAL, 2019.